

MAL-ESTAR NA EDUCAÇÃO: O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE PROFESSORES EM DECORRÊNCIA DO TRABALHO

Lidiane dos Anjos Santos Andrade¹

Paula Raianny Santos Cardoso²

Psicologia Social



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar a discussão teórica e os resultados que se apresentam como fruto de uma pesquisa de iniciação científica realizada entre agosto de 2014 e julho de 2015. A problemática norteadora do estudo baseou-se na concepção do mal-estar existente na profissão docente, caracterizado pelo adoecimento e sofrimento psíquico de professores, que tem como influências as particularidades da sua profissão. Na discussão teórica sobre o tema, é apresentado um breve histórico da profissão e formação docente no Brasil, a caracterização do sofrimento psíquico decorrente do trabalho e, por fim, as vicissitudes do fenômeno do mal-estar docente. Desse modo, o objetivo da pesquisa consistiu em identificar os fatores inerentes ao trabalho docente que se relacionam com o sofrimento psíquico dos profissionais da área. Para isso, realizou-se uma revisão da literatura e das pesquisas existentes que abordam a situação em questão. Entre os resultados obtidos, foram identificados fatores denominados como escolares, organizacionais e sociais como potenciais interferências no bem-estar e na saúde do profissional da educação.

PALAVRAS-CHAVE

Professor.Trabalho docente.Educação. Sofrimento psíquico.

ABSTRACT

The article aims to present the theoretical discussion and the results are presented as the fruit of scientific research survey conducted between August 2014 and July 2015. The guiding problematic of the study was based on the design of the existing malaise in the profession teaching, characterized by illness and mental suffering of teachers, whose influences the particularities of their profession. In the theoretical discussion on the subject, we present a brief history of the profession and teacher training in Brazil, the characterization of psychic suffering from work and, finally, the vicissitudes of the teacher malaise phenomenon. Thus, the objective of the research was to identify the factors inherent in the teaching profession that relate to the psychological distress of professionals. For this, we carried out a literature review of existing research and addressing the situation in question. Among the results, factors termed as school, organizational and social as potential interference with the well-being and professional health education were identified.

KEYWORDS

Teacher. Teaching profession. Education. Psychological distress.

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de elucidar a relação entre trabalho e trabalhador, e de compreender as questões objetivas e subjetivas do trabalho com foco na atuação docente, esta pesquisa teve o objetivo de identificar e discutir os fatores inerentes ao trabalho de professores, relacionando-os ao sofrimento psíquico. A identificação desses fatores à luz da Psicologia Organizacional e do Trabalho é capaz de trazer à tona os elementos humanos no trabalho, comumente esquecidos em defesa das exigências de produtividade e rendimento, mas tão relevantes quando se considera a importância do bem-estar e da saúde do trabalhador e, nesse caso também, o (in)sucesso do sistema educacional brasileiro, já tão carente de reformas e melhorias.

O projeto teve o caráter de revisão bibliográfica, cuja estrutura inicial se apresenta por meio de três breves capítulos de discussão teórica. O primeiro deles tem como finalidade apresentar uma discussão a respeito da função docente e de como esta foi se moldando com o passar dos tempos, com o intuito de esclarecer que as características que permeiam o trabalho docente na atualidade são fruto de uma construção histórica que necessita ser analisada em seus vieses mais primitivos.

No segundo fragmento, a intenção é delinear a relação entre o sofrimento psíquico e o trabalho por meio do que dizem as teorias da Psicologia, em especial da

Psicologia Organizacional e do Trabalho. Com isso, foi possível alcançar o primeiro dos objetivos específicos, que consiste justamente em explicitar teoricamente o fenômeno do sofrimento psíquico no trabalho.

Posteriormente, é discutido o fenômeno do “mal-estar docente” em suas variadas vicissitudes. Nesse terceiro e último eixo de discussão teórica, foi possível atingir o segundo objetivo específico do projeto: reconhecer os danos do trabalho docente à saúde mental e ao bem-estar do trabalhador. Por fim, são apresentados os resultados encontrados na revisão bibliográfica, de acordo com o que apresentam as pesquisas a respeito do tema aqui proposto. O objetivo geral – que foi identificar os fatores do trabalho docente que influenciam o sofrimento psíquico de professores – foi alcançado a partir desses resultados encontrados.

Por fim, com a discussão dos resultados e a conclusão da pesquisa, foi possível atingir o terceiro e último objetivo específico, que consiste em discutir a forma de organização do trabalho docente na atualidade, em defesa dos direitos, bem-estar e saúde do trabalhador.

Estabeleceu-se que os dois primeiros meses da pesquisa (agosto e setembro de 2014) seriam destinados à organização da coleta de materiais necessários para a realização da pesquisa, entre eles livros e publicações científicas. A partir do mês de outubro de 2014 até janeiro de 2015, planejou-se realizar a coleta de dados bibliográficos e sua consequente análise. Em seguida, foi estabelecido no cronograma que os meses entre fevereiro e julho de 2015 seriam destinados à análise dos dados, elaboração dos resultados e escrita. Todas as etapas foram realizadas conforme o cronograma estabelecido.

2 O TRABALHO E A FORMAÇÃO DOCENTE AO LONGO DA HISTÓRIA: MUDANÇAS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS

A concepção que se tem atualmente do que é ser um professor sofreu alterações ao longo dos tempos, ao mesmo tempo em que o modo de se fazer e compreender a Educação também mudou e assim segue. Em virtude disso, para que se possa compreender o fazer docente é preciso, sobretudo, compreender a escola como uma organização cujas tradições e elementos se legitimam continuamente por meio de questões econômicas, políticas, sociais, históricas e culturais. Com base nisso, Orso e Fernandes (2011) afirmam que a qualidade do trabalho docente e da educação é condicionada por meio do estágio de desenvolvimento das bases materiais da própria sociedade em seu modo de produção e reprodução.

No Brasil, o período colonial representou uma ligação íntima com a atuação da Igreja Católica. A concepção de educação foi trazida para o país pelos jesuítas, com a ideia de converter o indivíduo a uma catolização e moralização. Nessa época, a edu-

cação cumpria o objetivo de manter a tradição cultural e religiosa dos colonizadores por meio de um instrumento de catequese. Nesse sentido, o termo professor estava relacionado a um designio de pessoas que professavam a fé e a fidelidade dos princípios da Igreja e que se doavam aos seus alunos (KRENTZ, 1986 apud CARLOTTO, 2002).

Após a atividade dos jesuítas na educação dos povos colonizados, deu-se início a uma fase na qual foram enviados por Portugal para a colônia os professores régios. Estes eram considerados professores laicos, ou seja, profissionais que não exerciam influências religiosas em sua atuação, ao mesmo tempo em que agiam sob o controle do Estado. No entanto, o tipo de educação trazida pelos professores régios ainda se mantinha de certa forma voltado para padrões religiosos. Segundo Castro (2006), não houve mudanças significativas nas motivações, normas e valores originais da profissão docente. A autora afirma que, mesmo com essa mudança, o modelo de professor continua muito próximo do padre.

Foi no período imperial que a educação no Brasil passou a distanciar-se, moderadamente, dos modelos religiosos por meio da institucionalização da instrução docente pública. Esta foi representada pela criação das Escolas Normais, destinadas a formar professores leigos para a atividade docente por meio do método Lancaster. Esse método é descrito por Villela (2000) como algo que procurava desenvolver hábitos disciplinares de hierarquia e ordem, o que se encaixava nos propósitos políticos conservadores da época.

Segundo Castro (2006), o currículo das escolas normais não se diferenciava o bastante do das escolas primárias, a não ser pela metodologia Lancaster. A autora afirma, ainda, que não havia a intenção de fornecer aos docentes uma formação aprofundada em crítica e conteúdo, enquanto por outro lado a formação moral e religiosa ainda era bastante enfatizada.

Já no período republicano, sob novas influências europeias, busca-se instituir os cursos complementares, com o objetivo de integralizar os cursos primários e fornecer base mais ampla para o ingresso nas escolas normais, em justaposição aos cursos secundários.

Contudo, em 1930, o Brasil passou por uma série de transformações de caráter político, econômico e social. A sociedade, antes baseada num modelo agrário e rural começou a vivenciar um processo de industrialização e urbanização, incentivando a aceleração do capitalismo industrial, que criou a necessidade de os operários obterem instruções para operar máquinas. Dessa forma, Castro (2006) afirma que a literatura pedagógica, antes quase totalmente voltada para uma perspectiva social e política, passou também a enxergar os problemas educacionais sob uma ótica técnica e científica. Segundo a autora, as palavras-chave dessa época da atuação e formação docente eram: escola nova, ensino ativo, método analítico, testes e medidas.

Foi, também, a partir da década de 1930 que o professor teve um grande momento de ascensão social, à medida que o desenvolvimento da sociedade brasileira demandava por educação. A exigência da assinatura da carteira profissional e o registro da profissão no Ministério do Trabalho representaram essa ascensão durante o populismo da era Vargas nos anos 1940. O Ministério do Trabalho passou, segundo Castro (2006), a fiscalizar o cumprimento dos dispositivos legais que regulamentavam a profissão, o que foi capaz de traçar um novo perfil do profissional docente.

Com o passar dos anos, as transformações sociais de modo geral impõem algumas exigências e desafios à profissão docente, o que é discutido por Castro (2006, p. 12), ao afirmar que:

À medida que [...] a educação foi sendo atrelada às concepções desenvolvimentistas, modificava-se substancialmente as relações no interior da escola. A crescente burocratização decorrente do desejo de maior controle dos currículos e programas, exercidas pelos burocratas educacionais, contribuíram para a reificação do professor, afastando-o gradativamente da condição de sujeito de sua própria prática.

Atualmente, existem outros vários desafios impostos ao trabalho docente e que também são delineados pela formação do professor. Merazzi (1983 apud CARLOTTO, 2002) aponta três fatores que ele acredita estejam ligados às mudanças no papel do professor. O primeiro deles refere-se à transformação dos agentes tradicionais de socialização, tais como a família e outros grupos sociais organizados. Ao longo dos anos, as famílias vêm renunciando alguns de seus papéis na educação de seus filhos, atribuindo-os então às tarefas da escola e aos professores.

O segundo fator diz respeito às transformações dos papéis que são designados à escola, o que, até certo ponto, também se relaciona às exigências familiares citadas como o primeiro fator. Com relação à forma tradicional de transmitir conhecimentos nas escolas, o que acontece são constantes transformações graças às interferências de novos meios de comunicação, informação e cultura, o que exige que o professor esteja atualizado e apto para lidar com esse tipo de agente de socialização.

O terceiro e último fator apontado por Merazzi (1983 apud CARLOTTO, 2002) discute sobre o conflito instaurado nas instituições escolares na tentativa de definir qual a função do professor e quais os valores, dentre os vários existentes em nossa sociedade, que ele deve transmitir e questionar dentro da escola. Em uma sociedade complexa e em constantes transformações, é compreensível que definir os papéis de um professor de forma clara e objetiva seja ainda tão difícil. Enquanto isso, os profissionais docentes seguem atuando diante de profundos desafios e dificuldades, muitas vezes sem o delineamento claro de suas funções, já que a todo o tempo elas se transformam.

Vemos, então, que a formação de professores ao longo dos anos foi marcada por mudanças e ao mesmo tempo por percalços capazes de cristalizar a prática docente, submetendo-a a dogmas e conceitos pouco modificáveis. Como Nóvoa (1995, p. 14) afirma, “o processo histórico de profissionalização do professorado pode servir de base à compreensão dos problemas atuais da profissão docente”. Entre esses problemas, está a possível insatisfação do profissional com relação ao seu trabalho, o que pode provocar-lhe sofrimento e outros problemas referentes até mesmo à sua saúde, como poderemos ver a seguir.

3 DELINEANDO O SOFRIMENTO PSÍQUICO NO TRABALHO

O sofrimento psicológico no trabalho tem sido, segundo Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004), prioritariamente abordado por três distintas perspectivas: o estresse, a epidemiologia do trabalho e a psicodinâmica do trabalho.

A perspectiva da psicodinâmica do trabalho, que tem Dejours (1994) como seu principal representante, assume a compreensão de que é a organização do trabalho a responsável pelas consequências positivas e negativas para o funcionamento psíquico do trabalhador.

Dejours (1994 apud MENDES, 1995) conceitua a organização do trabalho como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, as modalidades de comando, o sistema hierárquico, as relações de poder e as questões de responsabilidade que estão envolvidas na organização e nas atividades nela realizadas. São então as características dessa organização do trabalho, em contato com o trabalhador e seus processos de subjetivação que, conforme o autor relaciona-se ao sofrimento psíquico.

Dessa forma, como afirma Mendes (1995), o trabalho representa uma fonte de prazer ou de sofrimento, desde que as condições externas atendam ou não à satisfação dos desejos individuais. Assim, se de um lado encontra-se o trabalhador e suas necessidades de prazer e de satisfação de desejos pessoais, do outro lado está a organização que tende, segundo a referida autora, a instituir automatismos, adaptando o trabalhador a um determinado modelo. O prazer no trabalho está então representado pela satisfação de necessidades, enquanto o sofrimento é proveniente das experiências desagradáveis que decorrem da impossibilidade da satisfação dessas necessidades no trabalho.

Reflexão semelhante a que apresenta a relação dicotômica de prazer e sofrimento no trabalho é encontrada na concepção marxista. Segundo Marx e Engels (2002), o trabalho possui um caráter positivo à medida que o homem produz sua existência, agindo sobre a natureza. Por outro lado, é no capitalismo que o trabalho assume sua face negativa enquanto se torna uma atividade alienada, à medida que o trabalho se torna cada vez mais fragmentado e pragmático.

Mancebo (2008 apud SAMPAIO; NOVAES; LIMA, 2012, p. 8) faz uma relação com o trabalho docente, identifica esse impacto negativo do trabalho promovido pelos processos de alienação discutidos anteriormente e destaca:

O processo também se instala contraditoriamente de modo que, ao lado da possibilidade de os docentes organizarem e definirem os meios para a consecução de seus objetivos, assiste-se também à imposição dentro das escolas de um processo gerencial de trabalho que tem levado progressivamente à perda de autonomia, à desqualificação e à perda do controle do processo quanto do produto do trabalho.

Com isso, aquilo que deveria ser uma atividade essencial para a humanização passa a ser algo realizado – conforme Sampaio, Novaes e Lima (2012) – com a finalidade de mostrar resultados, produtividade e funcionalidade. O trabalho, em vez de prazeroso, torna-se fonte de frustração e estresse.

Sobre essa relação entre a forma de organização do trabalho e o sofrimento, Dejours (1994) considera que o trabalhador possui uma carga de energia pulsional a ser descarregada por meio do trabalho, ocasionando-lhe sensações de prazer e satisfação. Essa energia pode ser aqui compreendida como o investimento pessoal do sujeito com relação ao seu trabalho. No entanto, quando essa descarga não é possível em virtude do choque entre a forma de organização do trabalho e das características pessoais do trabalhador, surge o sofrimento. O autor sintetiza essa relação da seguinte forma:

Quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível, quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada, o sofrimento começa: a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão. (DEJOURS, 1994, p. 29).

Na tentativa de enfrentar o sofrimento psíquico, os trabalhadores lançam mão de estratégias defensivas. Estas são definidas por Mendes (1995) como um mecanismo pelo qual o trabalhador busca modificar, transformar e minimizar a sua percepção da realidade que o faz sofrer. A autora destaca que esse processo é exclusivamente mental, pois ele não modifica a realidade presente na organização do trabalho.

Dejours (1994 apud Mendes (1995) aponta que a estratégia defensiva pode levar o trabalhador a um processo de alienação que não o permite tentar transformar a situação vigente e que o faz sofrer. Mendes (1995) corrobora com essa ideia e conclui que da estabilização das estratégias defensivas surge o desencorajamento e a resignação diante de situações desprazerosas.

É necessário, então, destacar a importância de efetuar mudanças na forma de organização do trabalho com o intuito de permitir ao trabalhador a descarga de energia necessária para o sentimento de satisfação no ambiente laboral. Do contrário, os trabalhadores seguirão utilizando estratégias de enfrentamento que não permitem mudanças no seu contexto de trabalho e que, como foi discutido, contribuem para a estagnação do sujeito perante situações conflituosas.

É certo que cada classe trabalhadora, cada profissão e cada organização possuem características peculiares que podem vir a ser substanciais no sentido de influenciar o sofrimento psíquico dos seus trabalhadores. É necessário, então, adentrar as particularidades de cada uma delas e analisar a forma de organização do trabalho para compreender as relações de sofrimento que diante delas acontecem.

No caso do trabalho docente, tomando como base o já citado conceito de organização do trabalho apresentado por Dejours (1994), é necessário investigar como ocorre a divisão do trabalho para o professor, o que está incorporado em suas tarefas, como se dão o sistema hierárquico, as relações de poder e as questões de responsabilidade dentro de cada escola, considerando suas características particulares.

4 O MAL-ESTAR DOCENTE

Como vimos, a profissão docente vem passando por diversas modificações de acordo com o passar do tempo, de forma que as mudanças apresentam ao professor novos desafios para a sua atuação à medida que vão se efetivando ao longo da história. Mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais apresentam atualmente uma nova conjuntura que caracteriza a realidade do professor no Brasil.

Jesus (2002) faz uma análise das transformações ocorridas no trabalho e na formação docente sob a perspectiva do caráter negativo que contribui para a desvalorização do professor na sociedade.

Entre essas transformações e dentro da realidade de trabalho da qual os professores fazem parte, Jesus (2002) apresenta, por exemplo, a era de informação, responsável por transmitir conhecimentos aos alunos em lugar que poderia ser de um professor. A democratização do ensino também é debatida pelo autor, pois, quando passou a ser obrigatória, aumentaram os números de alunos e de professores nas salas de aula, mas, ao mesmo tempo, a formação docente não acompanhou qualitativamente tais transformações. Além disso, questões referentes às exigências familiares, a falta de materiais e ao baixo salário também são discutidas.

É nesse cenário de transformações que geram exigências à atuação dos profissionais que o professor se depara com atividades para as quais não está preparado ou não sente prazer em cumprir. Diante disso:

O professor vai constatar que a realidade do magistério não corresponde aos ideais que aprendeu durante seu período de formação, e com os quais ele compara ele mesmo e compara boa parte da sociedade. Se ele havia identificado a “profissão docente” com as relações pessoais entre professor-aluno, vai deparar com essas relações a menos se elas são possíveis nas atuais condições de trabalho que imperam nos centros docentes. (ESTEVE, 1999, p. 44).

A partir dessas falhas, surge o chamado “mal-estar docente”, termo cunhado por Esteve (1999) para designar os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência. Esse estado de mal-estar, característico da atual realidade escolar e educacional no país tem como seus principais sintomas, segundo a insatisfação com o trabalho, a diminuição das responsabilidades no fazer profissional, o absenteísmo, sentimento de esgotamento e depressão.

A respeito das causas do mal-estar docente, Jesus (2001) faz uma categorização em dois grupos: as causas inerentes ao plano macro, e as que se relacionam ao plano micro. No plano macro, segundo o autor, estariam os fatores sociopolíticos, que interferem no número excessivo de alunos por turma, na grande quantidade de exigências políticas que são postas sobre o trabalho docente e na ausência de amparo diante das condições de trabalho e da formação do professor. Já no plano micro, encontram-se as situações referentes às atividades que são feitas dentro do próprio local de trabalho, como por exemplo, a indisciplina e as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

A síndrome de Burnout que, de acordo com Codo (1999), consiste em uma resposta ao estresse laboral crônico e que é percebida por um grande quantitativo de profissionais da educação, surge como mais um viés para a compreensão do mal-estar docente. Para o autor, é necessário considerar três aspectos ao abordar a temática da síndrome de Burnout, sendo eles a despersonalização, a exaustão emocional e o baixo envolvimento no trabalho. A despersonalização pode ser caracterizada como o estado no qual o trabalhador não mais se percebe lidando com outros humanos em seu fazer profissional.

Como foi possível perceber, o mal-estar docente está implicado com questões de ordens distintas entre si, mas sempre associadas umas com as outras. A vivência da experiência do mal-estar afeta diretamente a saúde do trabalhador, como é perceptível por meio da síndrome de Burnout.

Não cabe, no entanto, apresentar o atual estado de mal-estar na educação e da profissão docente sem identificar e compreender os fatores constitutivos dessa realidade e ressaltar a urgência de superação desse quadro. A profissão docente, dada

a sua relevância social, carece de maior cuidado, pois, como afirma Codo (1999), o produto do trabalho docente é o aluno educado, sendo a mudança social a expressão mais imediata do seu fazer profissional.

5 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa bibliográfica, foram utilizados serviços da biblioteca central do campus Farolândia da Universidade Tiradentes. Segundo Gil (2002, p. 45), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de que “ela permite ao pesquisador realizar a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que ele poderia pesquisar diretamente”. Essa vantagem torna-se, segundo o autor, particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Para a pesquisa de artigos e periódicos, as bases de dados virtuais utilizadas neste trabalho foram: Lilacs, Scielo, Google Acadêmico e Periódicos da CAPES. As palavras-chave utilizadas foram: sofrimento psíquico de professores, doenças dos professores, trabalho docente, doenças ocupacionais, estresse e trabalho, burnout em professores, sofrimento psíquico no trabalho e mal-estar docente. Procedeu-se a uma leitura analítica acompanhada pela realização de fichamentos e posterior análise das informações apresentadas pelos estudos revisados.

Raposo (2011, p. 27) aponta que a leitura analítica em pesquisa consiste em “uma leitura reflexiva, pausada, com possíveis releituras, que objetiva apreender e criticar toda a montagem orgânica do texto, sua coerência informativa e seu valor de opinião”. Esse método busca facilitar a compreensão por meio da separação das ideias principais das secundárias. Já o fichamento representa o processo que, segundo Gil (2002), consiste na anotação de elementos importantes obtidos a partir dos materiais estudados.

A partir disso, deu-se prosseguimento a uma análise dos dados apresentados por quatro pesquisas referentes ao tema pesquisado. Por essa análise, foi possível realizar um levantamento dos principais fatores referentes ao trabalho docente que influenciam no sofrimento psíquico dos professores, considerando quais fatores repertiam-se com maior frequência nos estudos revisados.

6 RESULTADOS

Entre os fatores do trabalho docente relacionados ao sofrimento psíquico do professor que foram apresentados pelas pesquisas revisadas, alguns se destacaram por sua frequente repetição entre a maioria das pesquisas. Ferreira (2011) e Gomes (2002) ressaltam a excessiva e exaustiva carga horária de trabalho como um dos fatores capazes de levar o professor ao sofrimento.

A indisciplina entre os alunos foi outro problema escolar capaz de afetar o professor, relatado por Ferreira (2011), Aguiar e Almeida (2006) e Naujorks (2002).

Outra questão que obteve destaque entre as pesquisas revisadas foi a violência oriunda não só de alunos, como também de suas famílias, o que foi destacado por Ferreira (2011), Aguiar e Almeida (2006) e Gomes (2002).

Gomes (2002) e Naujorks (2002) apontaram, também, a desvalorização profissional e social do professor, acompanhada de baixos salários como um fator relevante no que diz respeito à influência ao desgaste emocional do professor e à frustração diante de sua profissão.

Além da excessiva carga horária de trabalho, da indisciplina entre alunos, da violência extra e intra-escolar e da desvalorização profissional do professor, outros fatores referentes ao trabalho docente, embora menos destacados, também foram discutidos. Entre eles estão o número excessivo de alunos por turma, as dificuldades de aprendizagem dos alunos, e a infraestrutura física inadequada encontrada nas escolas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos com esta pesquisa, foi possível perceber a existência de deficiências oriundas de variados aspectos que perpassam a vida docente. Após análise, propõe-se a divisão de tais aspectos em três segmentos: organizacional, escolar e social.

As deficiências no sentido organizacional dizem respeito ao modo como o trabalho docente se constitui para o trabalhador, caracterizando-se pela excessiva e exaustiva carga horária de trabalho. Os aspectos escolares cujas falhas influenciam o sofrimento dos professores abrangem os problemas escolares, tais como a indisciplina escolar, as dificuldades de aprendizagem de alunos e a violência por parte de alunos e familiares. Já o aspecto social abrange a forma como o profissional docente é representado e tratado em sua sociedade, de modo que a desvalorização do professor se constitui como um elemento relacionado ao mal-estar docente.

Cabe, no entanto, destacar que os três aspectos não estão dissociados uns dos outros, e que tal divisão é feita apenas por um caráter didático. Cabe considerá-los de forma interdependente, afinal, como é possível considerar a partir da pesquisa realizada, o mal-estar docente consiste em uma problemática a ser pensada de maneira sistemática, e que requer soluções dentro desse mesmo nível, em detrimento da adoção de estratégias isoladas.

Desse modo, é possível concluir que os objetivos da pesquisa foram atingidos, à medida que foi possível levantar por meio da revisão de literatura alguns dos fatores

que influenciam o mal-estar docente e, a partir disso, realizar discussões que possibilitem o vislumbrar de novas possibilidades para tratar desta problemática que tanto interfere no sistema educacional no Brasil e na vida dos profissionais que dele fazem parte.

Diante do quadro aqui exposto, é possível, portanto, destacar a necessidade de perceptíveis transformações no modo como o trabalho docente tem se organizado para o profissional. Tais transformações poderão ser postas em prática a partir da compreensão de um sistema educacional menos voltado para o mero produtivismo que é fruto das exigências capitalistas, e mais interligado com a perspectiva de transformação social da qual a educação é uma grande ferramenta. A desconstrução desse paradigma, que nos dias atuais, ganha caráter de utopia, remete a necessidade de transformação no cenário político e social do Brasil e do mundo.

No entanto, de maneira mais independente das necessárias mudanças a nível macrossocial, é possível também pensar na possibilidade de promover alterações organizacionais dentro dos próprios contextos escolares, de modo que gestores escolares e corpos docentes acordem entre si as estratégias mais viáveis para garantir um fazer profissional mais saudável para o professor, dada a compreensão de que o modelo atual de organização do trabalho docente não tem favorecido o profissional.

É nesse eixo onde é visível a importância do psicólogo, seja no sentido de compreender de forma crítica e contextualizada a multiplicidade de fatores que interferem no mal-estar docente, apontando para a possibilidade de transformações organizacionais e sociais, ou no sentido de construir e ampliar o debate sobre a saúde do professor dentro das escolas. Outros exemplos de práticas a serem realizadas diante dessa problemática seria a fomentação de incentivo à formação continuada de professores e a criação de redes de apoio para os professores nas escolas.

Como foi possível perceber, o mal-estar docente não é um fenômeno cujas causas se centralizam em um único contexto. Pelo contrário, trata-se do fruto da influência de questões de ordens variadas, demandando propostas de resolução pautadas em âmbitos igualmente múltiplos.

Assim, estabelecer o compromisso com a saúde e bem-estar do trabalhador docente é também uma tarefa do psicólogo e dos atores do contexto escolar, afirmando o compromisso com o progresso da Educação e, conseqüentemente, da nossa própria sociedade. Como afirma Perrenoud (1999), a educação é um combate. E é por isso que desistir diante do seu quadro atual não é um caminho.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. M. R.; ALMEIDA, S. F. C. **Professores sob pressão**: sofrimento e mal-estar na educação. 2006.

- CARLOTTO, M. S. A Síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, v.7, n.1, Maringá, jan-jun. 2002. p.21-29.
- CASTRO, M. G. B. **Uma retrospectiva da formação de professores**: histórias e questionamentos. In: Seminário da Redebrado - Regulação Educacional e Trabalho Docente, Rio de Janeiro-RJ, 2006.
- CODO, W (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CODO, W.; ORATTO, L.; VASQUEZ-MENEZES, I. Saúde mental e trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, V. B. (Ed.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre-RS: Artmed, 2004.
- DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuição de escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999.
- FERREIRA, C. M. **Adoecimento psíquico de professores**: um estudo de casos em escolas estaduais de educação básica numa cidade mineira. Pedro Leopoldo, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores/as**: a saúde e o trabalho multifacetado de professores/as entre limites. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.
- JESUS, Saul Neves de. **Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?** Lisboa: Cadernos do Criap/Asa, 2001.
- JESUS, Saul Neves de. **Perspectivas para o bem-estar docente**. Lisboa: Cadernos do Criap/Asa, 2002.
- KRENTZ, L. Magistério: vocação ou profissão? **Educação em revista**, 3.ed, 1986. p. 12-16.
- MANCEBO, D. Trabalho docente, políticas educacionais e instituição escolar. In: MONFREDINI, I. (Org.). **Políticas educacionais, trabalho e profissão docente**. São Paulo: Xamã, 2008.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: seguido das teses sobre Feuerbach. Tradução por Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2002.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, 12/03/95. p.34-40.

MERAZZI, C. Apprendre à vivre les conflits: une tâche de la formation des enseignants. **European Journal of Teacher Education**, v.6, n.2, 1983. p.101-106.

NAUJORKS, M. I. Stress e inclusão: indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. **Cadernos de Educação Especial**. Centro de Educação/ Departamento de educação Especial/ Laboratório de Pesquisa e Documentação (Lapedoc), v.1, n.20, 2002.

NÓVOA, A. O processo histórico de profissionalização do professorado. In: **Teoria e Educação**. Porto Alegre/RS. (Org.) Profissão professor. 2.ed. Porto: Porto, 1995, p.13-33.

ORSO, P. J. FENANDES, H. C. O Trabalho docente no Brasil colonial e imperial. In: Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, **Anais...**, 2011, Cascavel-PR.

PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. **Revista Brasileira de Educação**, n.12, set-out.nov-dez,1999. p.5-11.

RAPOSO, D. M. S. P. (Org.). **Metodologia da pesquisa e da produção científica**. Brasília, AVM Instituto, 2011.

SAMPAIO, F. R. NOVAES, M. A. B. LIMA, K. R. R. **Trabalho docente no capitalismo contemporâneo e o cotidiano do professor**. In: Fórum Internacional de Pedagogia, v.6, Campina Grande-PB: Realize, 2012.

VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, E.; FARIA FILHO, L. VEIGA, Cyntia (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2.ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2000.

Data do recebimento: 16 de dezembro de 2015

Data da avaliação: 15 de janeiro de 2016

Data de aceite: 15 de janeiro de 2016

1. Doutoranda em Psicologia Social PUC/SP e professora pesquisadora da Universidade Tiradentes – E-mail: lididosanjos@gmail.com
2. Graduanda em Psicologia pela Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: paulacardosopsi@hotmail.com